

Anticiência, desigualdade e liberalismo



Por **ADRIANO LUIZ DUARTE**

A descrença nos valores democráticos se expressa no descrédito da ciência

A descrença nos valores democráticos se expressa no descrédito da Ciência. Proliferam grupos organizados, sites, blogs e vídeos em defesa do argumento de que a terra é plana. Cresce o movimento antivacina, com a divulgação de que o vírus atenuado pode levar ao autismo. A Teoria da Evolução passa a ser contestada e o *design* inteligente, a nova roupagem do criacionismo, explicaria a origem das espécies. O aquecimento global passa a ser encarado como mera propaganda de críticos que ignoram os benefícios do desenvolvimento industrial, portanto uma simples teoria da conspiração.

Essa visão distorcida se desdobra também na negação dos germes e, mais recentemente, na negação da existência da covid-19 e, consequentemente, nas suas formas constatadas de disseminação. No entanto, o ataque à Ciência não é um fenômeno contemporâneo, e tampouco parece ter uma unidade ou um objetivo claro. O mais surpreendente é que esses ataques não têm sido simples assaltos à razão, aos centros de pesquisa e ensino — muitas vezes eles são orquestrados em nome da “razão e da ciência”, provindos de centros de pesquisa e ensino (EPSTEIN, 1998).

Mas como a ciência não é uma entidade unitária, pensar esses movimentos como uma simples oposição entre Ciência *versus* Anticiência é simplificar o problema. Isso nos coloca uma questão importante: qual a especificidade que, hoje, conecta esses elementos díspares e, aparentemente, desconectados? É possível sugerir que os elementos anticiência se encontram ao colocar em dúvida a positividade de alguns dos valores comumente atribuídos às ciências – menos os valores ontológicos, epistemológicos e mais os políticos ou sociais. A ciência parece viver uma crise de confiança; contudo, não é tarefa simples compreender se essa crise advém de uma sociedade polarizada, ou a ela dá origem.

Em julho de 2019, o Instituto Gallup realizou uma pesquisa acerca do grau de confiança na Ciência com mais de 140 mil pessoas em 144 países. A pesquisa, encomendada pela organização britânica *Wellcome Trust*, mostrou que, no Brasil, 73% dos entrevistados desconfiavam da ciência e 23% consideravam que a produção científica contribui pouco para o desenvolvimento social e econômico do país. Mas o Brasil não foi um caso isolado, em países como França e Japão, os índices de desconfiança chegaram a 77% dos entrevistados (ANDRADE, 2019). Sobre a relação entre ciência e religião, o relatório *Wellcome Global Monitor* mostrou que 64% das pessoas, diante de um conflito que os oponha, disseram confiar mais na religião. Importante destacar que quanto maior o índice de desigualdade social, maior é a desconfiança em relação à ciência. Mais que isso, essa postura parece diretamente relacionada à desconfiança em relação às instituições sociais em geral. A descrença na ciência parece expressar uma suspeição generalizada em todas as estruturas de poder das sociedades chamadas democráticas – governos, justiça, imprensa, representação política etc. – e parece responder a uma questão empírica incontornável: de fato, os benefícios da ciência e da tecnologia não têm sido capazes de melhorar a vida da maioria das pessoas, e isso fica ainda mais manifesto quanto maior é o grau de desigualdade social experimentado por elas.

Já se sugeriu que há também uma corrente mais profunda e permanente de anti-intelectualismo na cultura ocidental, especialmente na tradição estadunidense, impulsionado, sobretudo, pela convergência entre o pensamento religioso, o discurso político conservador e a influência dos empresários sobre a sociedade e o Estado, com seu temor de contestação social (HOFSTADTER, 1963). Segundo Hofstadter, o anti-intelectualismo está associado a uma supervalorização do conhecimento prático em detrimento do especulativo. A Guerra Fria teria acentuado ainda mais esses traços e destacado o medo de que conteúdos humanistas pudessem inspirar uma postura politicamente crítica e desafiadora. Desde o século

XIX, a ciência tem sido percebida, crescentemente, como motor do progresso e veículo central para a promoção da qualidade de vida. Mesmo quando esse princípio enfrentou contestações, sobretudo a partir da esquerda socialista, isso ocorreu dentro dos marcos da própria ciência, mais para destacar sua incapacidade de atingir a todos do que para desqualificá-la como vetor do progresso. Entretanto, esse quadro começou a mudar em algum momento na década de 1970. A partir de então, ganha lugar no senso comum a crença de que a ciência se movia por interesses privados a serviço da acumulação de capital e não servindo, portanto, ao interesse da maioria das pessoas.

No Brasil, isso ficou claro no estudo *Percepção pública da Ciência & Tecnologia no Brasil 2019*, feito pelo Centro de Gestão e Estudos Estratégicos (CGEE), por demanda do Ministério da Ciência, Tecnologia, Inovações e Comunicações (MCTIC) — levantamento que é feito, periodicamente, desde 2006. Essa pesquisa

(...) entrevistou 2.200 pessoas de todas as regiões do país e constatou uma diminuição do percentual de indivíduos que consideram que ciência e tecnologia só trazem benefícios para a humanidade – de 54%, em 2015, para 31%, em 2019. Também verificou um crescimento dos que julgam que ciência e tecnologia produzem tanto benefícios quanto malefícios – de 12% em 2015, para 19%, em 2019. Registrou ainda uma redução na proporção dos que consideram os cientistas pessoas que fazem coisas úteis para a sociedade. Em 2010, esse número era de 55,5% dos entrevistados, em 2015 caiu para 52% e, em 2019, para 41%. (ANDRADE, 2019, s.p.)

Embora pareça evidente a conexão entre a desconfiança da ciência e a conjuntura política em que vivemos, nem sempre é fácil mostrá-la com clareza. Um estudo publicado em 2017 pelo *Pew Research Center*^[1] sobre os EUA, por exemplo, mostrou que os eleitores do Partido Republicano são os mais desconfiados em relação a temas como mudança climática, agricultura geneticamente modificada, eficiência de vacinas etc. Tal informação pode nos levar a pensar que haja aqui uma resistência específica a temas e a evidências científicas quando esses possam implicar um aumento da regulamentação estatal. Entre novembro de 2017 e fevereiro de 2018, a União Europeia promoveu um inquérito entre cidadãos e organizações jornalísticas, com o objetivo de avaliar a eficácia da atuação dos agentes de mercado acerca das *fake news*. O questionário recebeu 2.986 respostas, sendo 2.784 de indivíduos e 202 de organizações jornalísticas (sites, jornais, blogs informativos etc.), alcançando, sobretudo, países como Bélgica, França, Itália, Espanha e países do Reino Unido. 84% acreditavam que as *fake news* se difundiam para orientar o debate político; 65%, que elas eram produzidas com o objetivo de gerar receitas para empresas e indivíduos; 88% concordaram que a desinformação nas redes sociais se disseminava recorrendo às emoções da população; e, por fim, 50% apontaram que a simples verificação posterior à disseminação de uma *fake news* não seria razoável, pelo fato de que a correção posterior não alcançaria o mesmo público da notícia original. Uma das sugestões da pesquisa, de acordo com, foi a substituição da expressão *fake news* – porque ela, de fato, não daria conta do sentido político e mercadológico do fenômeno – pela palavra mais precisa: *desinformação*. (Cazarré 2018)

Parece evidente não se tratar de “mero” desafio de fazer com a que ciência estabeleça um melhor diálogo com a sociedade. Não se trata simplesmente de reconstruir uma plataforma de legitimação social ou de absoluta transparência para os procedimentos científicos, nem, tampouco, de tornar a ciência mais aberta aos debates sociais ou de trazer o conhecimento de suas pesquisas para perto do cidadão comum; muito menos de tentar convencer os que negam seus procedimentos ou conclusões. Essas medidas de aumento de transparência não seriam capazes de combater o conluio entre Ciência, Estado e Empresas pela simples razão que o movimento anticiência está a serviço de um determinado *modo* de fazer política. Em resumo, a defesa de certas posições políticas se embasaria na escolha cuidadosa de alguns princípios anticiência. É preciso reconhecer que a postura anticiência não é um simples irracionalismo, mas uma racionalidade politicamente instrumental e seletiva, a serviço do mercado.

“O fenômeno é nítido nas discussões sobre as mudanças climáticas. O consenso entre cientistas sobre o aumento da temperatura global nos últimos 130 anos e o peso das atividades humanas nesse processo gerou uma participação mais efetiva dos governos na regulação da emissão de gases estufa. “Várias organizações financiadas pela indústria de combustíveis fósseis tentaram minar a compreensão do público sobre o consenso científico que havia sido alcançado sobre esse assunto, promovendo pesquisadores ‘céticos’, disseminando dúvidas e controvérsias (...) Esse movimento foi tão intenso que, (...), conseguiu fazer com que a mídia se sentisse compelida a relatar as opiniões de grupos contrários” (ANDRADE, 2019, s.p.).

Nos movimentos anticiência, não há a simples ignorância ou desconhecimento dos princípios ou procedimentos científicos em si. Portanto, não faz sentido combatê-los contrapondo a verdade à mentira, pois esses movimentos são profundamente

ideológicos, não apenas expressam ideias ou valores falsos, mas constroem um sentido e uma interpretação do mundo e da ciência que mascaram ou negam a realidade conflituosa e dividida do mundo.

Não se combate uma ideologia com a verdade, porque a ideologia não é o contrário ou a negação da verdade, mas é outra verdade, que caminha em sentido contrário, servindo a valores sociais e a interesses econômicos específicos. Assim, nessa quadra histórica do capitalismo neoliberal e globalizado, a desinformação – *fake news*, se preferirem – e o movimento anticiência precisam ser desmontados como elementos fundamentais do processo de acumulação de capital, porque é aí que ela faz sua aparição e adquire seu sentido.

***Adriano Luiz Duarte** é professor de história na Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC).

Referências

EPSTEIN, Isaac. "Ciência e Anticiência (apontamentos para um verbete)". *Comunicação & Sociedade*, n. 29, 1998.

ANDRADE, Rodrigo de Oliveira. "Resistência à ciência". *Pesquisa Fapesp*, nº 284, outubro de 2019.
<https://revistapesquisa.fapesp.br/resistencia-a-ciencia/> Acesso em 14 out. de 2020

CAZARRÉ, Marieta. Países europeus combatem desinformação na web de formas distintas. *Agência Brasil - Lisboa*, 08/07/2018.
<https://agenciabrasil.ebc.com.br/internacional/noticia/2018-07/fake-news-paises-europeus-combatem-o-problema-de-formas-distintas>.

HOFSTADTER, Richard. *Anti-Intellectualism in American Life*. New York: Vintage Books, 1963.

Nota

[1] *Pew Research Center* é um *think tank* fundado em 2004 em Washington DC. Ele produz informações sobre questões, atitudes e tendências que estão moldando os EUA e o mundo.